

Álvaro Cardoso de Moura Junior

EDNEY NARCHI

Era único. Não só filho único, por sinal extremo. Aliás, o fato de não ter irmãos de sangue é que deve ter lhe moldado o enorme espírito de fraternidade. Era irmão de muitos: mais velhos e mais novos (gostava muito destes). Homens e mulheres (dava preferência a estas). Ricos e pobres (simpatizava mais com estes). Poderosos e humildes (se dava melhor com estes).

Além de tratar a todos fraternalmente, dava o melhor de si para ver todos bem. Espalhava alegria. Por onde passasse deixava essa marca, por observações jocosas, comentários otimistas, críticas construtivas.

Não era bonzinho de profissão: sempre que necessário dizia aquilo que se impunha, agradasse ou não, e agiu assim a vida inteira, com chefes, secretários, prefeitos, conselheiros, presidentes. Tudo porque sua verdadeira profissão, que encarava missionariamente, sem dela se afastar, se esquecer ou desprezar, foi a busca da justiça.

Brilhante advogado público por mais de trinta anos, mereceu todas as honrarias ao aposentar-se no mais elevado posto dos procuradores municipais; preceptor insuperável até o fim de seus dias, orientou com delicadeza e paciência; trabalhador intelectual incansável, ao longo de mais de cinquenta operosos anos, desfrutou pouquíssimas férias – fugindo até mesmo das regulamentares.

Era de um conhecimento enciclopédico. Além de sua carreira jurídica, guardava notável interesse por literatura, música, cinema, quadrinhos, esporte, *quiz*. Já vinha se afeiçoando, aos 77 anos, às maravilhas da internet. Leitor



compulsivo, assinava jornais, revistas (nacionais e estrangeiras), colecionava fascículos de vários assuntos e se atualizava incessantemente. Sugeriu filmes, livros, artistas; queria que os amigos desfrutassem das coisas de que ele gostava.

Pendores artísticos tampouco lhe faltavam: chegou a fazer na mocidade até um filme (16mm) como diretor; caricaturista arguto, passava muitas reuniões a desenhar, seja registrando os participantes, seja reproduzindo o que lhe vinha às inquietas memória e imaginação.

Poucos são seus circunstantes que deixam de guardar algum desses trabalhos, irreverentes mas não ofensivos (na maioria).

De fina percepção, sabia quando algo não ia bem com o interlocutor. Discreto, nunca invadia a privacidade alheia, mas acabava envolvido na solução de problemas de terceiros pois nele se podia confiar, sempre.

Solidariedade humana era seu nome. Amizade leal o sobrenome.

Preservava os seus como os antigos *pater familiae*. A poucos concedia a intimidade de seu lar, repouso do guerreiro. Cada dificuldade de um dos filhos era sofrida por ele até a solução e cada vitória deles era sorvida com o maior orgulho.

Despido de ambições materiais, modesto de pretensões, sempre soube conduzir equilibradamente sua vida e alcançou o maior dos sonhos de

qualquer pai: ver todos os filhos formados e encaminhados.

Seria muito fácil falar de alguém que se conhece há 35 anos. Casos e causos não faltariam para lembrar, tratando-se ele de alguém com uma personalidade tão rica.

É difícil, porém, muito difícil, registrar no papel quão cativante ele era, quanto caráter possuía, de quanta destreza mental dispunha.

Profissional da dialética, emprestou sua inteligência por mais de 22 anos ao Conar e, sem precisar consultar os presidentes da casa com os quais trabalhou, posso afirmar que ele foi um dos maiores responsáveis pela construção, manutenção, engrandecimento e segurança jurídica do Conar, ao qual serviu não como mero colaborador, mas sim como dinâmico e interessado assessor, distinto e preocupado simpatizante da causa.

Chegou aqui em setembro de 82 e só nos deixa agora, por decreto irrevogável.

Tive a honra e a felicidade de trabalhar com ele em períodos alternados de 1970 a 1978 na Prefeitura de São Paulo e, de 1985 até hoje, aqui no Conar, por quase vinte anos de convivência ininterrupta, respeito mútuo permanente, nenhuma rusga ou assunto mal resolvido e, de minha parte, admiração e aprendizado crescentes na referência humana, cultural e ética, que para mim representou.

Doutor Moura, Moura, Mourinha: onde quer que você vá passar a eternidade, vá ajeitando um lugarzinho pra mim que a saudade já está apertando.

EDNEY NARCHI É DIRETOR EXECUTIVO DO CONAR.